

OS AINU E SUAS PLANTAS NO NORTE DO JAPÃO

Williams, Dai. (2017). *Ainu Ethnobiology*. Tacoma, WA: Society of Ethnobiology (Contributions in Ethnobiology Series).

O diálogo entre antropólogos e etnobiólogos nunca foi fácil, sobretudo por conta da insatisfação dos primeiros com o prefixo *etno-*, que, se define o próprio campo de investigação dos segundos, exprime, para a antropologia, o vício fatal da etnobiologia: aquele que toma a biologia científica moderna como a detentora do acesso ao mundo, ao passo que todas as demais (etno)biologias (ou biologias *folk* ou *de folk*) ou (etno)ciências podem produzir tão somente versões ou visões sobre este mesmo (único) mundo. Os avanços recentes da virada ontológica seguramente vieram para sepultar o interesse antropológico pelo que faz a etnobiologia, ao radicalmente recusar a afirmação de um mundo material (e, assim, natural ou biótico) comum e, mais ainda, a pretensão de

que apenas uma forma de conhecimento é capaz de o descortinar.

Tais precauções, contudo, não devem nos impedir de apreciar o escopo por vezes bastante amplo dos trabalhos etnobiológicos e o fato de que seus trabalhos usualmente fornecem grande quantidade e riqueza de informações sobre os conhecimentos indígenas, tradicionais ou populares dos entes que povoam os mundos desses mesmos povos. Esse é, certamente, o caso do livro *Ainu ethnobiology*, do antropólogo, geógrafo e arquiteto Dai Williams, parte de uma série de monografias (*Contributions to Ethnobiology*) editada pela Society of Ethnobiology e destinada a oferecer ao público leitor trabalhos de fôlego no campo da etnobiologia, sendo – pode-se ler na quarta capa do volume – “the only mo-

nograph series devoted expressly to representing the breadth of ethnobiological topics”.

Os Ainu, ou Aynu, constituem um dos grupos humanos mais singulares. Prováveis descendentes dos habitantes nativos do Japão – e de arquipélagos circunvizinhos, Sakhalina e as Kurilas, ambas no leste da Federação Russa, de onde virtualmente desapareceram no século XIX (Ohnuki-Tierney, 1974) –, os Ainu foram paulatina e violentamente empurrados para o norte com a colonização japonesa do arquipélago, terminando por radicar-se apenas na mais setentrional das ilhas, Hokkaido (Walker, 2006). Sua língua – ou línguas – não tem qualquer parentesco com o japonês nem, ao que parece, com nenhum outro idioma falado no planeta (Shibatani, 1990). Além disso, os Ainu conservaram-se caçadores e coletores durante muito tempo após a ocupação japonesa da região, expressando conexões principalmente com populações do extremo oriente siberiano.

O livro *Ainu ethnobiology*, contudo, apresenta uma coleção de memórias: rico testemunho dos saberes e usos cotidianos da flora e da fauna pelos Ainu, que tiveram de ser buscados em trabalhos e observações realizados entre o século XVIII e o início do século XX. Ainda assim, relata-nos o autor, boa parte das informações sobre a ecologia de Hokkaido procede do profundo conhecimento que esse povo ainda tem de seu território e dos seres com os quais o partilham, e que vem sendo pesquisado por Williams desde 1997.

É preciso reconhecer que, embora prometa tratar da etnobiologia ainu, a obra concentra-se basicamente no conhecimento botânico desse povo, que ocupa os quatro principais capítulos; há pouquíssima informação zoológica, distribuída ao longo dos capítulos iniciais e em dois curtos apêndices (*Fauna of Hokkaido* e *Birds of Hokkaido*). Além disso, os primeiros quatro capítulos, destinados – supõe-se – a oferecer um panorama histórico e etnográfico dos Ainu, de modo a introduzir seu detalhado saber sobre as criaturas não humanas (majoritariamente, como vimos, plantas) com quem convivem, deixam muito a desejar. O panorama histórico é muito breve, e é sintomático – tratando-se do trabalho de um etnobiólogo – que o terceiro capítulo, intitulado *Ainu Society*, apresenta basicamente uma descrição dos seus ciclos econômicos sazonais, como se sua sociedade pudesse ser reduzida à produção.

Há outros problemas menores: na página 55, por exemplo, o autor faz referência aos cogumelos (*fungi*), que são, desse modo, incluídos, sem mais explicações, entre os vegetais conhecidos e coletados pelos Ainu. Nenhuma reflexão, aliás, sobre o modo como os Ainu conceitualizam e categorizam os seres não humanos nos é fornecida: nada sabemos das lógicas nativas de apreensão das plantas e da percepção de suas semelhanças e diferenças – nem, portanto, de qualquer esboço de classificação. Ficamos, assim, reféns de uma listagem de vegetais e seus empregos, com a categoria científica (botânica) “vegetal” (ou “planta”) intacta,

em nada submetida a uma certamente existente crítica Ainu, ainda que ela não possa mais ser recuperada em sua antiga integridade. Assim, o trabalho de Dai Williams acaba muito aquém dos reconhecidos esforços de certos etnobiólogos (cf. Hunn, 1978; Posey, 2003, para ficar em exemplos americanos consagrados) por descortinar os esquemas classificatórios indígenas, para além da catalogação sistemática de seres e os saberes e utilidades a eles associados.

A razão utilitária, desse modo, informa o interesse do autor nas plantas do universo desse povo nativo dos duros ambientes naturais do Extremo Oriente. Nenhum problema com isso, obviamente, exceto pelo fato de que uma impressionante diversidade – quase 500 plantas conhecidas e nomeadas pelos Ainu em Hokkaido, na Sakhalina e nas Kurilas – é reduzida, aqui, às cerca de 160 que são coletadas porque são úteis. Não obstante, os cinco capítulos finais – que são divididos pela estação de coleta das plantas, suas flores, frutos, brotos, raízes, galhos, madeiras, resinas – são substantiva prova documental do enorme conhecimento ainu das regiões por eles ocupadas. Nesses capítulos o autor colige copiosa documentação sobre a relação dos Ainu com vegetais, o que inclui não apenas informações sobre suas utilidades, mas também sobre a presença mítica, histórica e ritual de várias espécies. Diga-se de passagem que há uma expressiva quantidade de plantas comestíveis aproveitadas nessas regiões de condições climáticas severas, explicitando, uma vez mais,

o inesgotável engenho humano na busca não apenas da subsistência, mas também – e isso aparece com certo destaque no livro – do gosto culinário e dos prazeres gastronômicos.

Desse modo, preservado o básico da tradição etnobiológica – o inventário de formas naturais conhecidas e empregadas por um povo –, espera-se que volumes como esse, interessantíssimo em vários sentidos, estimulem nos antropólogos o desejo pelo mesmo espírito globalizante que parece animar nossos colegas envolvidos com as biologies de *folk*: uma atenção detalhada, quase obsessiva, ao mundo natural, se possível na mesma intensidade que demonstram as comunidades em estudo. Que outra foi uma das máximas lições de Lévi-Strauss? Não à toa, os exemplos da notável riqueza e complexidade dos saberes nativos trazidos em *O pensamento selvagem* (Lévi-Strauss, 1997) são, em grande parte, oriundos dos esforços de etnobiólogos.

Pode-se dizer que virtualmente não existe nada sobre os Ainu escrito ou publicado no Brasil, e mesmo aqueles proficientes em línguas europeias majoritárias não dispõem de muito material: a maioria dos trabalhos foi e tem sido mesmo, obviamente, publicada em japonês (com alguma coisa editada em russo). *Ainu ethnobiology*, assim, abre mais uma janela acessível ao conhecimento dessa que constitui uma das mais fascinantes e enigmáticas sociedades deste planeta.

Recebida em 26/5/2018 | Aprovada em 16/11/2018

NOTA

- I Os títulos da coleção podem ser conferidos no website <<https://ethnobiology.org/publications/contributions.>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Hunn, Eugene. (1978). *Tzeltal folk zoology: the classification of discontinuities in nature*. Cambridge: Academic Press.

Lévi-Strauss, Claude. (1997) [1962]. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papi-rus.

Ohnuki-Tierney, Emiko. (1974). *The Ainu of the northwest coast of southern Sakhalin*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Posey, Darrell. (2003). *Kayapó ethnology and culture*. London: Routledge.

Shibatani, Masayoshi. (1990). *The languages of Japan*. Cambridge: Cambridge University Press.

Walker, Brett. (2006). *The conquest of Ainu lands: ecology and culture in the Japanese expansion, 1590-1800*. Berkeley: University of California Press.

Felipe Vander Velden é mestre e doutor em antropologia social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e pós-doutor pela Aarhus University, na Dinamarca. É professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar desde 2011. Trabalha com os índios Karitiana desde 2002, focalizando, principalmente, as relações entre humanos e animais. Publicou *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana* (2012) e *Jóias da floresta: antropologia e tráfico de animais* (2018).